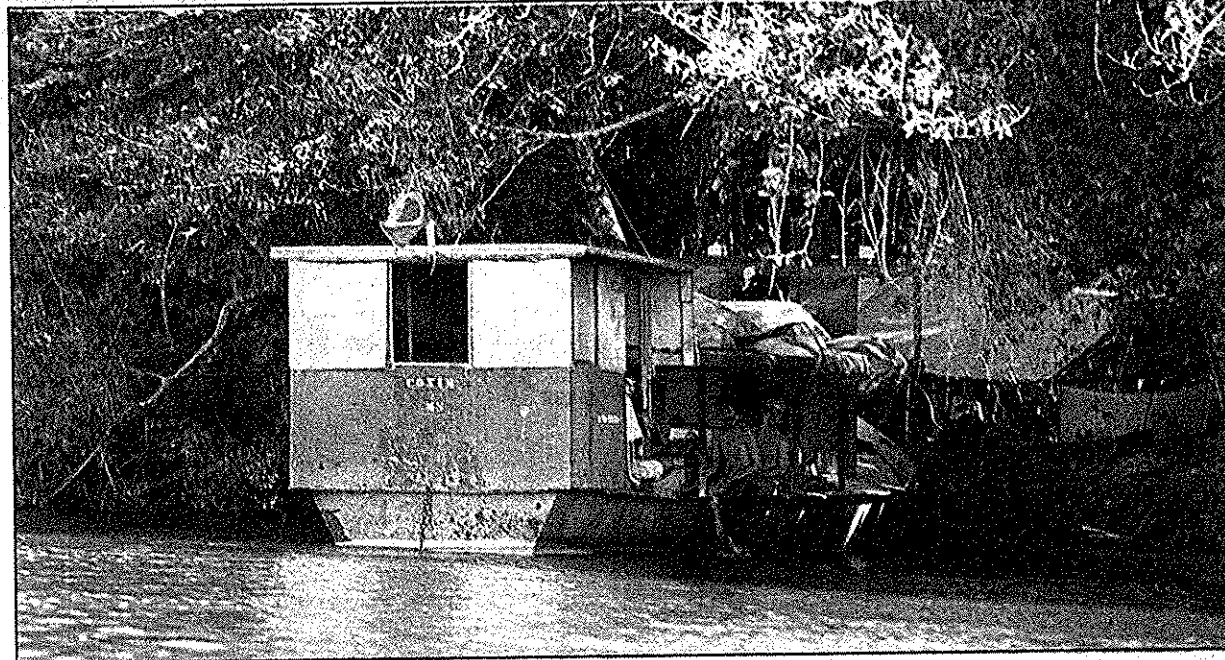


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: MT Pantanal  
 Data: 12/04/93 Pg.: 12 11

AMBIENTE



Barcos em flagrante

Pescadores artesanais localizados pela polícia: embarcações ficam camufladas no interior das baías e os peixes são comprados por frigoríficos ou cooperativas

# Pesca predatória dizima rios do Pantanal

Desaparecimento de peixes é mais uma ameaça ao ecossistema, já alterado pelo mercúrio do garimpo e erosão das terras desmatadas

UISSÉS CAPOZOLI



A captura predatória realizada por amadores e profissionais pode fazer com que em poucos anos boa parte das 230 espécies de peixes do Pantanal de Mato Grosso desapareça dos rios, baías e lagoas e só sobreviva nas histórias dos pescadores.

Com menos peixes, homens, e animais, como aves e jacarés, terão menos alimento disponível. A tendência então será de se aumentar o desequilíbrio do ecossistema que — mesmo com o envenenamento das águas, que já acontece pelo mercúrio do garimpo, e o assoreamento do leito dos rios, provocado pela erosão das terras desmatadas do Planalto Central — ainda evoca imagens mitológicas do Paraíso.

Existem três categorias de pescadores no Pantanal, segundo a pesquisadora Emiko Kawakami de Resende, do Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (CPAP), divisão da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa). Os pescadores artesanais são os profissionais, que trabalham regularmente para grupos organizados, os frigoríficos ou cooperativas. Eles deslocam-se em chalanas motorizadas, barcos munidos de gelo, redes e tarrafas, que são equipamentos de uso proibido.

Os pescadores de subsistência são ribeirinhos que fazem a captura de consumo familiar e eventualmente vendem algum excesso a outros pescadores. Trabalham com a linha, canoa de um-pau-só ou mesmo das margens dos rios. Os ocasionais ou de lufada dividem a pesca com outra atividade: pilotagem de barcos, pequena agricultura e trabalho em fazendas. Geralmente atuam no pique das safras, entre maio e agosto.

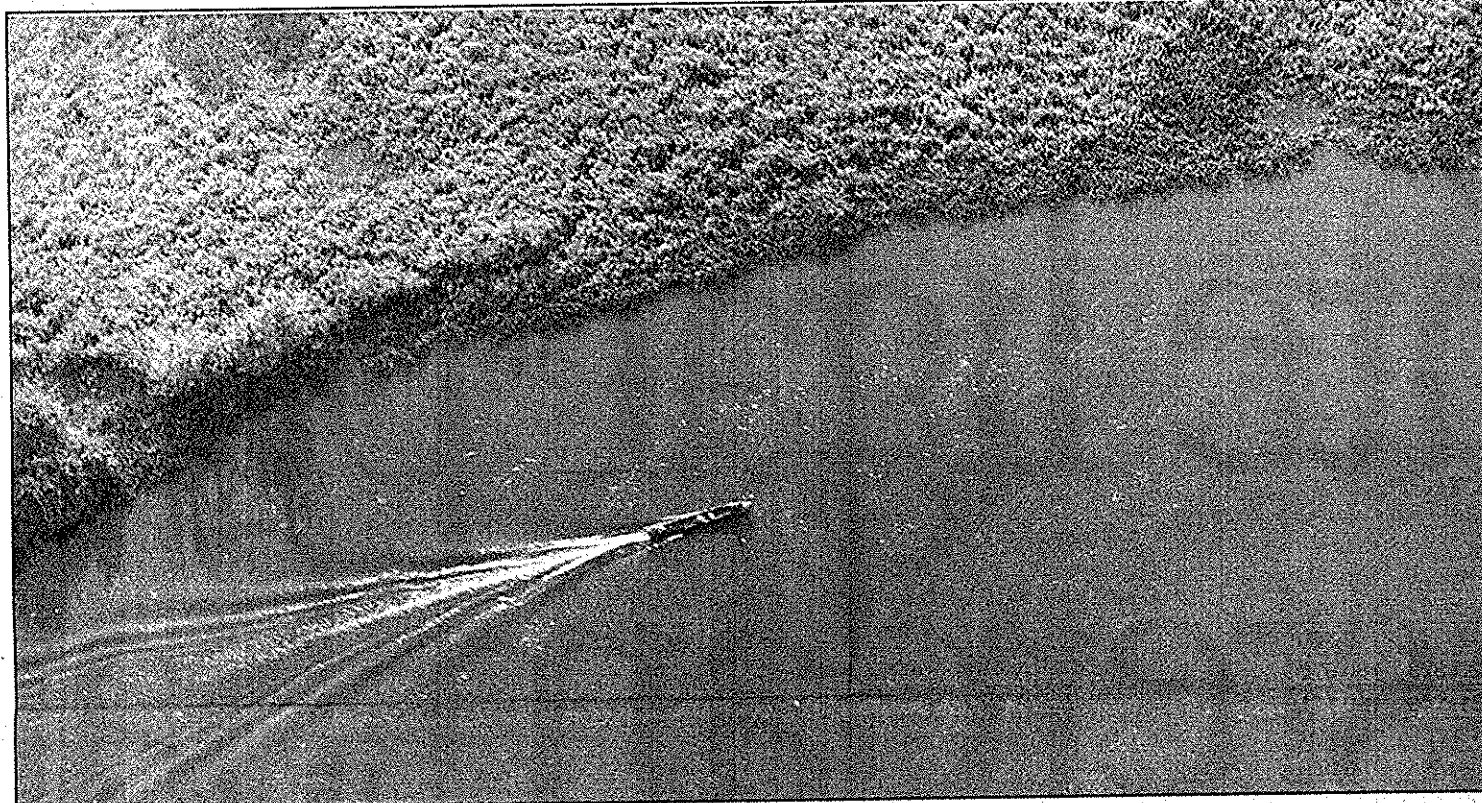
Sob pressão dos frigoríficos, todos tratam de recolher a maior quantidade possível de peixes. Atuam sem nenhum manejo capaz de assegurar a reprodução dos cardumes, que em regiões até recentemente piscosas, como o Coxim, começam a desaparecer.

Nos últimos dez anos, com a abertura do Pantanal para o turismo, também cresceu o fluxo de amadores. Para eles, a legislação prevê um limite de 30 quilos mais um exemplar. A interpretação da lei, no entanto, acaba distorcida e assim, se o exemplar alcançar 20 quilos ou mais, — o que pode acontecer com um pintado, peixe comum na região, — o limite pode ser quase dobrado, admite o comandante da Polícia Florestal do Mato Grosso do Sul, major Ângelo Rabello.

**Desemprego** — A crise econômico-social, ampliada e aprofundada nos anos 80, reformulou o perfil tradicional do pescador pantaneiro. O desemprego nas áreas urbanas levou muita gente para a pesca, da mesma forma que aconteceu com o garimpo. Os iniciantes, como os seus colegas tradicionais, também estão atrelados aos frigoríficos e, embora neguem, também operam com equipamentos proibidos como as redes de arrasto.

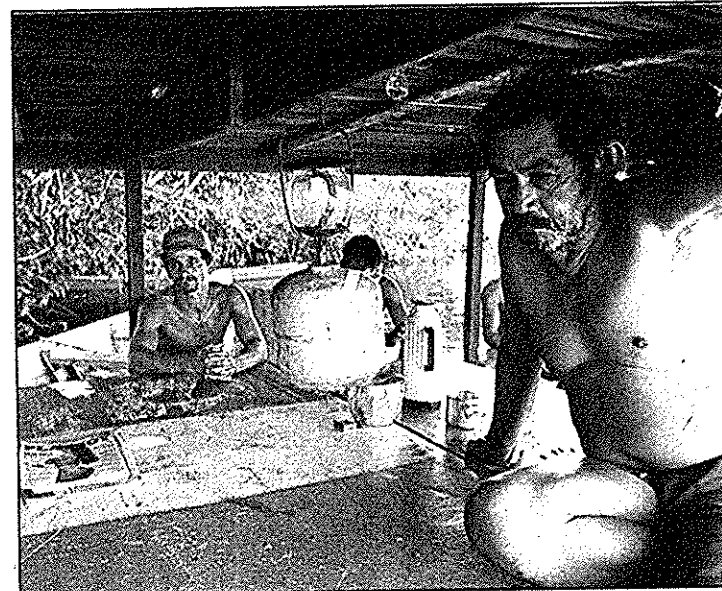
Pressionados pelos frigoríficos, que fornecem as embarcações, gelo, combustível e alimentos básicos, esforçam-se para retirar das águas mesmo peixes de pequeno porte, vetados pela legislação de proteção ambiental. É uma forma de aumentar seus rendimentos, mas também de comprometer a reprodução e o próprio futuro da pesca.

A falta de controle da captura, a corrupção que permite as passagens pelos postos de controle e mesmo o contrabando faz com que se ignore o total da pesca que dados de Emiko estimam em 8 mil toneladas-ano.



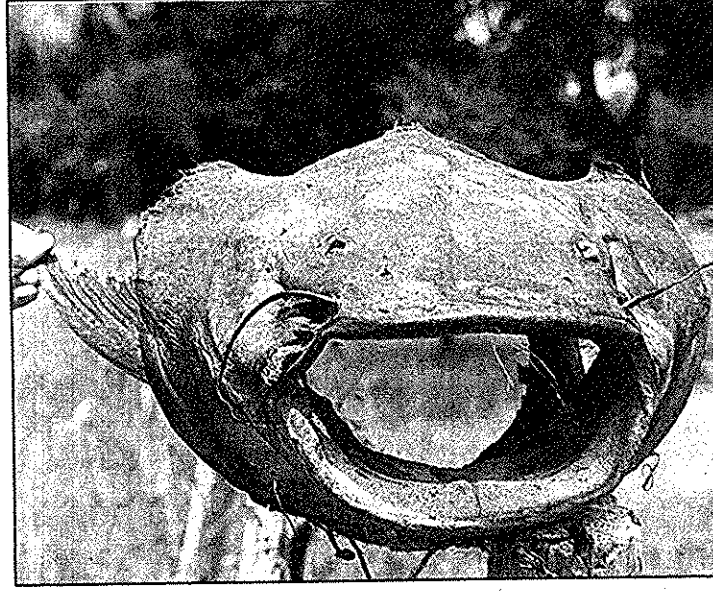
Sem rumo

Barco ao lado da Fazenda Santo Antônio: fazendeiros não querem pescadores em suas propriedades



Pesca ilegal

Barco irregular localizado pela Florestal: informantes dificultam a prisão de pescadores



Clima de ameaça

Cabeça de jai, peixe que no Pantanal pode chegar aos 100 quilos: predação ameaça espécies

## Exploração é feita sem qualquer pesquisa

A pesca passou a destacar-se como atividade econômica no Pantanal a partir de 1980, quando as áreas pesqueiras tradicionais, especialmente do Sudeste, esgotaram-se. Isso ocorreu pela pressão da exploração, intervenções como a construção de hidrelétricas, que afetaram a ictiofauna, ou por contaminações produzidas por agrotóxicos e até devido ao crescimento das cidades, resultado da urbanização acelerada da década anterior, quando o Brasil passou a ser majoritariamente urbano.

A atividade, que gera impostos (ICM) equivalentes a 20% da pecuária, a exploração pioneira e ainda hoje a mais tradicional do Pantanal, iniciou-se sem qualquer pesquisa prévia e essa situação não mudou até agora. Num trabalho técnico sobre a exploração pesqueira na região, a pesquisadora Emiko Kawakami de Resende alerta para a necessidade de uma investigação abrangente.

Os resultados desse estudo, prevê, deveriam fornecer "uma descrição científica da situação antes que ocorram mudanças drásticas". Os dados também serviriam de testemunhos, ou informações de base, para avaliação de observações futuras. Além disso, de imediato, eles alimentariam estratégias para melhor manejo do Pantanal e de seus recursos pesqueiros.

Mas o bem-intencionado projeto da pesquisadora ainda é obra de ficção. O deslocamento dos pescadores no Pantanal depende de barcos, automóveis e aviões e muitas vezes não há recursos nem mesmo para o combustível. Assim, o traba-

lho avança lento, irregular e dependente do auxílio de fazendeiros.

Antes que o orçamento da União fosse aprovado, há duas semanas, o centro de pesquisa da Embrapa em Corumbá, sem dinheiro, vendia parte de seu rebanho de pesquisas para cobrir custos operacionais.

A situação da Polícia Florestal — encarregada de, só em Mato Grosso do Sul, vigiar uma área de 100 mil quilômetros quadrados, superfície maior que a de Portugal — não é muito diferente. Há quatro anos a Florestal recebeu um avião, mas o aparelho acabou desviado para o atendimento de burocratas da Secretaria de Justiça do Estado. Agora, a secretaria "emprestou" o aparelho à Florestal, embora o major Rabello tenha planos de não fazer a "devolução". (U.C.)

As embarcações de pesca ocultam-se às margens dos rios ou buscam refúgio no interior das baías, onde dificilmente são localizadas.

Uma vez por mês, um barco da Polícia Florestal desce os rios da região em patrulha. Os pescadores, avisados por uma rede de informantes, deixam as áreas e raramente as embarcações são apreendidas.

A pesca realizada dessa forma é a principal responsável pelo abastecimento das grandes regiões consumidoras, como São Paulo. Os peixes, com a típica marca das redes, são transportados pelos "ciganos", motoristas que conduzem essas cargas. Para entregar os peixes em frigoríficos ou na Ceagesp, em São Paulo, subornam policiais de postos de controle ao longo da rota. Ou alteram trajetos, fugindo de cercos eventuais.

Há quatro semanas, o Minuano da Florestal, com dois pesquisadores, um policial e os repórteres do Estado a bordo, surpreendeu três chalanas próximas à barra do Rio Itiquira com o Piqueri, em Mato Grosso do Sul.

Em terra, após pousar na fazenda Santo Antônio do Paraíso, o tenente Adalberto Ortale pediu reforços na cidade de Coxim para supreender os pescadores. O posto policial não dispunha de combustível e os policiais só chegaram com a ajuda do proprietário da fazenda, João Lutz. No início da tarde, com barcos e combustível da fazenda, quatro policiais armados de fuzis com quase duas décadas de uso desceram o rio levando junto os repórteres. Os pescadores não reagiram com a violência dos coureiros de jacaré, raros nos últimos dois anos, quando o preço das peles caiu e desestimulou a coleta. Mas os ladrões de gado, que vêm aumentando a atuação na região, geralmente estão armados e são imprevisíveis.

Caudaloso com a cheia, o Itiquira transborda pelas margens cobertas pela mata cerrada. Curvados sobre seus fuzis, os policiais de uniformes camuflados compõem com a paisagem uma cena típica de um filme de guerra.

## Pescadores se dizem vítimas da fome e do desemprego

As embarcações de pesca ocultam-se às margens dos rios ou buscam refúgio no interior das baías, onde dificilmente são localizadas.

Uma vez por mês, um barco da Polícia Florestal desce os rios da região em patrulha. Os pescadores, avisados por uma rede de informantes, deixam as áreas e raramente as embarcações são apreendidas.

A pesca realizada dessa forma é a principal responsável pelo abastecimento das grandes regiões consumidoras, como São Paulo. Os peixes, com a típica marca das redes, são transportados pelos "ciganos", motoristas que conduzem essas cargas. Para entregar os peixes em frigoríficos ou na Ceagesp, em São Paulo, subornam policiais de postos de controle ao longo da rota. Ou alteram trajetos, fugindo de cercos eventuais.

Há quatro semanas, o Minuano da Florestal, com dois pesquisadores, um policial e os repórteres do Estado a bordo, surpreendeu três chalanas próximas à barra do Rio Itiquira com o Piqueri, em Mato Grosso do Sul.

Em terra, após pousar na fazenda Santo Antônio do Paraíso, o tenente Adalberto Ortale pediu reforços na cidade de Coxim para supreender os pescadores. O posto policial não dispunha de combustível e os policiais só chegaram com a ajuda do proprietário da fazenda, João Lutz. No início da tarde, com barcos e combustível da fazenda, quatro policiais armados de fuzis com quase duas décadas de uso desceram o rio levando junto os repórteres. Os pescadores não reagiram com a violência dos coureiros de jacaré, raros nos últimos dois anos, quando o preço das peles caiu e desestimulou a coleta. Mas os ladrões de gado, que vêm aumentando a atuação na região, geralmente estão armados e são imprevisíveis.

Caudaloso com a cheia, o Itiquira transborda pelas margens cobertas pela mata cerrada. Curvados sobre seus fuzis, os policiais de uniformes camuflados compõem com a paisagem uma cena típica de um filme de guerra.

**Sem saída** — Menos de um quilômetro abaixo do encontro entre Itiquira e Piqueri, as chalanas são avistadas, camufladas à margem. Os pescadores avistaram o avião, mas não puderam partir porque uma das embarcações tem a caixa de câmbio avariada. Mas nem têm motivos para fuga. Não pegaram nenhum peixe, confirmando queixas de amadores mais abaixo de que a pesca está ruim. Assim, tiveram como almoço uma cobra sucuri de quatro metros que comeram com espaguete ao molho de tomate enlatado. Compõem-se de gente de várias regiões do País, quase todos tocados pelo desemprego. Olimirio Pohl, um deles, de olhos azuis incrustados num rosto magro, é o porta-voz improvisado do grupo. Queixa-se estar encorralado entre "desemprego e ameaça de fome de um lado, e pressão dos fazendeiros que os querem longe de suas terras do outro".

Na margem oposta estão os 120 mil hectares da fazenda pertencente a Lutz. Ali, espécies desaparecidas em outras regiões, como onças-pintadas, veados, emas, porcos e marrecos selvagens são abundantes. Mas o fazendeiro tem tido dificuldades crescentes para proteger os animais. Se houver uma invasão de caçadores, em pouco tempo toda a reserva estará dizimada. (U.C.)